

PERFIL SOCIOECONÔMICO E DE PRÁTICA ESPORTIVA DE ATLETAS DE BOCHA PARALÍMPICA DE SANTA CATARINA/BRASIL

SOCIOECONOMIC AND SPORT PRACTICE PROFILE OF PARALYMPIC BOCCIA ATHLETES OF SANTA CATARINA / BRAZIL

Gabriel Renaldo de Sousa
Marilia Garcia Pinto
Colégio Militar de Curitiba
Universidade do Estado de Santa Catarina

Resumo

O objetivo do presente estudo foi verificar o perfil socioeconômico e de prática esportiva de atletas que participaram do Circuito Catarinense de Bocha Paralímpica. A pesquisa possui delineamento transversal, tendo o total de 22 atletas participantes da pesquisa. Foi realizada uma entrevista com uso de instrumento com perguntas fechadas sobre questões socioeconômicas e de prática esportiva no âmbito do treinamento e no ambiente escolar. Os resultados indicaram que a maioria dos atletas era do sexo masculino (72,7%) que tiveram até oito anos de frequência escolar (68,4%) e de classe econômica baixa. Na parte de prática esportiva, a média foi de cinco anos de prática de bocha e a maioria não participou e/ou não participava das aulas de Educação Física na escola (55,1%). Conclui-se que a maioria dos atletas era do sexo masculino, de baixo nível socioeconômico e que não participaram das aulas de Educação Física em ambiente escolar.

Palavras-chave: Atividade Motora Adaptada. Educação Física. Pessoas com Deficiência. Atleta Paralímpico. Bocha

Abstract

The aim of this study was to verify the socioeconomic and sports practice profile of athletes that participated in the Santa Catarina Boccia Circuit. The research has transversal delineation having total 22 athletes participating in the research. An interview was carried out using a instrument with closed questions about socioeconomic and sports practice issues in the scope of training and school environment. The results indicated that the most of the athletes were male (72.7%) who had up to eight years of school attendance (68.4%) and low economic class. In the sports practice part, the average was five years of mouth practice and the majority did not participate and/or did not participate in Physical Education classes at school (55.1%). It was concluded that the majority of athletes were male, with low socioeconomic level and did not participate in Physical Education classes in school environment.

Keywords: Adapted Motor Activity. Physical Education. People with Disabilities. Athlete Paralympic. Boccia.

1 Introdução

O paradesporto é considerado uma forma de levar o indivíduo -, que tenha nascido com algum comprometimento de ordem motora, sensorial ou cognitiva, ou que tenha

adquirido uma deficiência por meio de situações que resultaram uma ausência de movimento ou até mesmo mutilações -, para uma reintegração social, através da superação pessoal. Esta categoria de atividade física, que envolve modalidades esportivas praticadas por pessoas com deficiência, surgiu há mais de um século (WINNICK; SHORT; LIEBERMAN, 2004). Os primeiros registros históricos sobre a prática de esportes para pessoas com deficiência surgem por volta de 1870, anteriormente ao movimento pós-guerra. Nesta época, já se tinha conhecimento sobre o desporto adaptado para pessoas com surdez, principalmente nos Estados Unidos e na França onde ocorreram, em 1924, os primeiros jogos para pessoas surdas, denominado *Deaflympics*. (MELLO; WINCKLER, 2012; WINNICK; SHORT; LIEBERMAN, 2004). Já para pessoas com deficiência física, o movimento iniciou-se em 1918, na Alemanha, para traumatizados de guerra, sendo que, em 1939, um neurocirurgião alemão, que fugiu para Inglaterra, começa a utilizar o esporte como processo reabilitatório em pacientes, surgindo assim, em 1948, os jogos de Stoke Mandeville, que mais tarde veio a se configurar como sendo os Jogos Paralímpicos (DE CASTRO, 2005; MELLO; WINCKLER, 2012).

O esporte adaptado, embora ainda careça de incentivos de divulgação por meio da mídia e pesquisas científicas (SOUSA; MORAES; MOREIRA, 2016), teve, nos últimos anos, alavancando espaço e reconhecimento principalmente com a participação e sede brasileira nos Jogos Paralímpicos do Rio (MARQUES *et al.*, 2014). Mesmo com espaço reduzido nos meios de comunicação de massa, os jogos vêm demonstrado diversos benefícios para pessoa com deficiência, como a melhora da motricidade, o desenvolvimento das potencialidades, a melhora da autonomia locomotora em cadeira de rodas, próteses ou bengalas, a estimulação e o fortalecimento de grupos musculares, aumento da motivação, além da melhora da qualidade de vida prevenindo enfermidades secundárias devido a deficiência e promovendo a integração social do indivíduo na sociedade (BARÇANTE, 2016; GORLA; NOGUEIRA, 2016).

A bocha paralímpica, por sua vez, teve sua origem reconhecida na Grécia, quando havia a prática de lançar grandes pedras em uma pedra alvo menor, mas somente na década de 70 este esporte foi resgatado pelos países nórdicos com o fim de adaptá-lo para pessoas com deficiência (MELLO; WINCKLER, 2012). No Brasil, a bocha paralímpica surge após os Jogos Parapan-americanos na Argentina, quando o país foi convidado a fazer uma apresentação da modalidade e, como não havia atletas praticantes, pediu para que atletas do atletismo representassem o Brasil na bocha e, assim, a partir de 1995, a bocha entra como modalidade pioneira direcionada às pessoas que apresentam um quadro severo de disfunção motora, propiciando uma verdadeira condição de inclusão por meio do esporte (CAMPEÃO, 2003; MELLO; WINCKLER, 2012).

O jogo de bocha é um dos jogos mais desafiadores, pois além de trabalhar com pessoas de maiores prejuízos motores, ela depende altamente da parte cognitiva para

elaboração de estratégias (ARROXELLAS *et al.*, 2017). No Brasil, a Associação Nacional de Desportos para Deficientes (ANDE) é a entidade responsável pela divulgação, fomento e rendimento da modalidade e realiza competições a fim de ampliar a prática da bocha e o número de atletas participantes.

Santa Catarina, por sua vez, realiza competições em parcerias com clubes e municípios do estado com a intenção de oportunizar a prática paradesportiva não somente de caráter voltado ao rendimento, mas também como forma de participação e escolar contando com o Circuito Catarinense de Bocha Paralímpica, evento apoiado pela ANDE, como uma forma de oportunizar a disseminação da modalidade pelo estado.

Diante do exposto, o presente estudo se propôs verificar o perfil socioeconômico e de prática esportiva dos atletas que participaram do Circuito Catarinense de Bocha Paralímpica. Ao conhecermos as capacidades e as particularidades dos atletas, pode-se focar nas suas potencialidades para que os técnicos e comissão técnica adequem os treinos de forma a ser um facilitador para a prática paradesportiva e explorar de maneira eficiente o atleta para futuras conquistas em competições sequentes. Por fim, conhecer o sujeito antes de se tornar atleta é fundamental no rendimento dos treinos e obtenção de grandes resultados em competições, além da socialização do sujeito por meio do esporte.

2 Método

O presente estudo está inserido no macroprojeto denominado “Avaliação dos atletas de bocha paralímpica do estado de Santa Catarina”. Tal projeto teve como objetivo avaliar as variáveis de aptidão física dos atletas participantes do Circuito Catarinense de Bocha Paralímpica e associá-las com fatores socioeconômicos e de atividade física. O projeto teve coordenação geral do professor Me. Gabriel Renaldo de Sousa sendo aprovado pelo comitê de ética e pesquisa com seres humanos da Universidade do Extremo Sul Catarinense sob o protocolo CAAE: 58323616.1.0000.0119.

2.1 Caracterização da Pesquisa

Esta pesquisa é de natureza aplicada, pois busca remeter a problemas imediatos, oferecendo assim, resultados de valor instantâneo, utilizando os chamados ambientes do mundo real, ou seja, utilizando os sujeitos e tendo controle limitado sobre o ambiente da pesquisa (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). Em relação à abordagem do problema, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa quantitativa, na qual atua em níveis de realidade e tem como objetivo trazer a luz dados, indicadores e tendências

observáveis (SERAPIONI, 2000). Quanto aos procedimentos técnicos, o estudo se enquadra como uma pesquisa empírica, do tipo descritiva (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

2.2 Local do estudo

O Circuito Catarinense de Bocha Paralímpica é um evento construído e concretizado há sete anos pelos clubes e municípios catarinenses, é constituído por três etapas anuais, sendo realizadas em locais distintos no estado catarinense e adequando as datas, durante o ano, para não haver choque entre as competições regionais, estaduais, nacionais e internacionais, visto que os atletas catarinenses são reconhecidos no meio paradesportivo e disputam competições em diversos níveis. Este estudo foi efetivado durante a II etapa do ano de 2016, na cidade de Araranguá – SC, durante os dias 23 a 25 de setembro, sendo um evento reconhecido como a maior competição entre clubes de Santa Catarina, estando presente, durante o ano, mais de 10 clubes de várias regiões do estado.

2.3 População e amostra

Participaram do estudo atletas da II etapa do Circuito Catarinense de Bocha Paralímpica, em levantamento realizado pelos pesquisadores, levando em consideração a inscrição realizada pelos clubes e a confirmação dos atletas no congresso técnico da competição, a II etapa do circuito contou com 32 atletas.

Os critérios de inclusão adotados foram: Atletas maiores de 15 anos, com classe funcional definida e que já tivesse participado de pelo menos um jogo na competição. Como critério de exclusão, optou-se por não inserir na pesquisa: atletas gestantes ou em período de aleitamento materno (devido aos testes físicos), atletas que se recusaram a fazer algum teste ou responder ao instrumento. O estudo foi realizado com 22 atletas, com média de idade de 28,3 (IC95%: 22,83-33,73), sendo 72,7% do sexo masculino e 27,3% do sexo feminino.

2.4 Coleta de dados

O presente estudo foi dividido em duas partes, sendo a primeira composta por um instrumento com questões abertas e fechadas, relacionado o nível socioeconômico e a participação e a prática esportiva e de atividade física. A segunda parte foi composta por testes físicos que não serão abordados neste estudo. A coleta dos dados foi realizada na II etapa do Circuito Catarinense de Bocha Paralímpica na cidade de Araranguá - SC. A priori, foi realizado contato com os treinadores e os responsáveis pelos atletas

presentes no circuito, sendo que só poderiam participar da pesquisa após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para os menores de 18 anos, além da assinatura do TCLE pelos responsáveis, foi solicitado aos atletas a assinatura do Termo de Assentimento (TA) para a pesquisa.

A coleta de dados foi realizada em local reservado, sem interferência externa, onde um pesquisador acompanhou o atleta e o auxiliou a responder o instrumento sobre questões socioeconômicas, de participação e prática esportiva e de atividade física.

2.5 Variáveis do estudo

- Questões socioeconômicas

Idade: foi coletada como variável discreta em anos completos até o momento da coleta.

Escolaridade: coletada como variável discreta em anos completos de estudo do atleta até o momento da coleta, sendo dicotomizada para análise em até oito anos de estudos e mais de oito anos de estudos.

Escolaridade da mãe: coletada como variável discreta em anos completos de estudo até o momento da coleta, sendo dicotomizada para análise em até oito anos de estudos e mais de oito anos de estudos.

Escolaridade do pai: coletada como variável discreta em anos completos de estudo até o momento da coleta, sendo dicotomizada para análise em até oito anos de estudos e mais de oito anos de estudos.

Classe econômica: foi coletado por meio do instrumento adotado pela Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa - Critério de Classificação Econômica do Brasil (ABEP, 2015) que é considerado o principal instrumento de segmentação da população segundo seu poder de compra, o qual classifica a população em classe econômica, para fins de comparação entre grupos. Foi considerada classe econômica elevada aqueles que se inseriram nas classes A e B, aqueles sujeitos que se classificaram nas classes C, D e E foram classificados de classe econômica baixa.

- Participação e prática esportiva e de atividade física

Classe funcional atual do atleta: descrito conforme a classe funcional que o atleta compete (BC1/BC2/BC3/BC4).

Tipo de lesão: aquela que acomete o atleta e o faz ser elegível para a prática da modalidade, se foi adquirida ou congênita.

Início da prática de bocha: foi coletada o ano em que o atleta iniciou o trabalho com a bocha paralímpica.

Outros tipos de atividade física: foi questionado se atleta realiza outro tipo de atividade física.

Participação nas aulas de Educação Física: foi questionado de que forma o atleta participa ou participava das aulas de Educação Física na rede regular de ensino ou em escola de Educação Especial.

2.6 Análise dos dados

Os dados foram tabulados no programa Microsoft Excel®, sendo que o banco de dados foi transportado para o programa estatístico Stata 13®, nos quais foram elaboradas as tabelas com a estatística descritiva contendo a frequência da amostra, percentual e intervalo de confiança para as variáveis categóricas e média e intervalo de confiança para as variáveis contínuas.

3 Resultados

A maioria dos atletas, 68,4%, apresentou assiduidade escolar de até oito anos e 31,6% com mais de oito anos de frequência na escola. Referente a escolaridade materna, 61,5% estiveram no ambiente escolar por até oito anos e com mais de oito anos foram 14,5%. No que concerne a escolaridade paterna, 44,4% esteve até oito anos na escola e 55,6% permaneceram por mais de oito anos no ambiente escolar. Em relação a classe econômica dos atletas, houve prevalência da classe econômica baixa, com 68,2% dos atletas e 31,8% uma classe econômica elevada (Tabela 1).

Tabela 1 - Variáveis socioeconômicas dos atletas participantes do Circuito Catarinense de Bocha Paralímpica.

Variável	N	% ou média (IC 95%)
Total	22	100
Idade*	21	28,3 (22,83-33,73)
Sexo		
Masculino	16	72,7 (49,4-88,0)
Feminino	6	27,3 (11,9-50,9)
Escolaridade		
Até oito anos	13	68,4 (42,7-86,2)
Mais de oito anos	6	31,6 (13,7-57,2)
Escolaridade da mãe		
Até oito anos	8	61,5 (30,5-85,3)
Mais de oito anos	5	14,5 (14,6-69,4)
Escolaridade do pai		
Até oito anos	4	44,4 (13,4-80,4)
Mais de oito anos	5	55,6 (19,5-86,5)
Classe econômica		
Elevada	7	31,8 (14,9-55,2)
Baixa	15	68,2 (44,7-85,0)

Fonte: elaboração própria

n – Frequência da amostra; % - Percentual; IC – Intervalo de Confiança; * média

Na Tabela 2, podemos verificar as variáveis relacionadas às características e a prática de atividade física. Quando questionados sobre sua classe funcional, obtivemos o total de atletas nas classes: BC1, 9,0%, na classe BC2, 36,3%, na classe BC3, totalizam 41,1% e na classe BC4, 13,6%. No aspecto da origem da deficiência, 40,1% foram deficiências adquirida no decorrer da vida e 59,9% congênitas, ou seja, inato, ocorrido antes do nascimento.

Ao serem perguntados sobre a prática de atividade física, 50,0% dos atletas mencionaram que praticam outros tipos de atividades físicas além da bocha e os outros 50,0% relataram que somente a bocha paralímpica está presente como atividade física no seu cotidiano (Tabela 2), sobre a participação nas aulas de Educação Física, 40,9% dos atletas mencionaram que participam ou participaram das aulas e 59,1% não participaram e nem participam de qualquer intervenção relacionada as aulas de Educação Física no ambiente escolar (tabela 2).

Na frequência da prática esportiva em treinos semanais, 86,3% treinam até duas vezes por semana e 13,7% mais de duas vezes por semana, e com relação ao tempo de prática a média foi 5,1 (IC95%:4,78-6,61) anos (Tabela 2).

Tabela 2 - Variáveis de prática de bocha paralímpica e atividade física.

Variável	N	% ou média (IC 95%)
Total	22	100
Classificação Esportiva		
BC1	2	9,0 (2,0-3,2)
BC2	8	36,3 (18,2-59,4)
BC3	9	41,1 (21,5-63,5)
BC4	3	13,6 (4,0-37,2)
Aspecto da deficiência		
Adquirida	9	40,1 (21,5-63,5)
Congênita	13	59,9 (36,4-78,4)
Prática de outra atividade física		
Sim	11	50,0 (28,7-71,2)
Não	11	50,0 (28,7-71,2)
Participação nas aulas de Educação Física		
Sim	9	40,9 (21,5-63,5)
Não	11	59,1 (36,4-78,4)
Frequência de Treinos semanais		
Até 2 vezes na semana	19	86,3 (62,7-95,9)
Mais de 2 vezes na semana	3	13,7 (4,0-37,2)
Tempo de Prática*	22	5,1 (4,78-6,61)

Fonte: elaboração própria

Legenda:

n – Frequência da amostra; % - Percentual; IC – Intervalo de Confiança; * média

4 Discussão

Este estudo teve como objetivo principal verificar o perfil socioeconômico e de prática esportiva dos atletas participantes do Circuito Catarinense de Bocha Paralímpica, observou-se então, que a maioria dos atletas era do sexo masculino, que tiveram até oito anos de estudo e de classe econômica baixa. Em relação ao aspecto da deficiência, a maioria foi de forma congênita, sendo predominante atletas da classe BC3. Na questão de treinamento, a média de prática esportiva de bocha foi de cinco anos com frequência de treinamento de até duas vezes semanais e a maioria não participou e/ou não participa das aulas de Educação Física na escola.

A maioria dos atletas de bocha do Circuito Catarinense era do sexo masculino, totalizando 72,7%, este dado indica que ainda há desigualdades entre os sexos, embora estejam diminuindo com o passar dos anos principalmente no meio paralímpico. Sabe-se que a partir da década de 80 que se iniciou a participação feminina no movimento paralímpico (GOELLNER, 2006), entretanto, ainda podemos constatar uma maior participação dos homens do que mulheres nas competições, visto que, por exemplo, nos Jogos Paralímpicos de Atenas, em 2004, dos 98 atletas brasileiros participantes, 79% eram do sexo masculino e, em 2016, dos 279 atletas, 65% eram homens (JORNAL DO BRASIL, 2016), o que vem reforçar os resultados obtidos nesse estudo que apontam para uma baixa participação feminina nos esportes adaptados. Para Goellner (2006), apesar da crescente presença feminina na vida esportiva do país, e da participação em competições esportivas já ser considerada significativa, ainda é menor que a dos homens, tal fato ocorre principalmente devido a pouca procura pelo paradesporto sendo relacionada com a superproteção dos pais, nos quais a presença feminina é mais dedicada aos estudos e cuidados da casa, nos afazeres domésticos.

Em relação à escolaridade, num estudo realizado em Santa Catarina composto por 10 atletas da modalidade do atletismo, seis deles tiveram escolaridade até ensino fundamental ou até o ensino médio, e quatro frequentam ou já concluíram o curso superior (RAMOS, 2013), contrapondo os achados desta investigação, quando 31,6% dos atletas tiveram mais de oito anos de frequência escolar. Já em outro estudo, com o tema de análise dos fatores que influenciam a qualidade de vida de atletas paralímpicos em ambiente de treinamento e competição, com 144 atletas, 51,6% não havia completado o segundo grau, sendo que apenas 13,1% tinha o título de ensino superior (PARREIRAS, 2008).

No Circuito Catarinense de Bocha Paralímpica, 68,4% dos atletas têm até oito anos de escolaridade, o que indica que a maioria tem o Ensino Fundamental, seja incompleto ou não, compreendendo uma relação direta com a escolaridade da mãe, pois na maioria dos casos são elas que cuidam dos filhos atuando nas tarefas elementares do dia adia como levar para a escola ou ao trabalho, alimentando e levando-os ao

banheiro, participando efetivamente das necessidades básicas (PADILHA *et al.*, 2017) e das terapias complementares. No entanto, ao mesmo tempo em que o estímulo escolar predomine nas famílias, as dificuldades de transporte, locomoção, bem como acessibilidade e currículo adaptado as pessoas com deficiência, podem ser fatores que dificultam a permanência nas escolas, sendo eminente a desistência ou desestímulo em seguir na vida escolar (RIBEIRO, 2016; RIVERA *et al.*, 2010).

A maioria dos atletas desta pesquisa se enquadra em classe econômica baixa, sendo este dado confirmado em outro estudo, verificando que há predominância dos indivíduos que possuem renda familiar entre dois e quatro salários mínimos, representando 52%, sendo que 14% possuem renda acima de seis salários (PARREIRAS, 2008). Estes dados podem ser compreendidos pela presença de pelo menos um dos membros da família em casa para fazer assistência aos filhos ou parentes próximos, diminuindo a renda familiar, já que os atletas em questão necessitam de maiores cuidados, pois são aqueles com maior comprometimento motor, sendo necessário uma pessoa, na maioria dos casos, para realizar as atividades da vida diária (CÂMARA *et al.*, 2016; PADILHA *et al.*, 2017).

Além disso, sabe-se que ao emergir no esporte, seja ele convencional ou adaptado, há a necessidade de investimento, seja por conta de material, uniforme, viagens, transporte, alimentação, uma reabilitação fisioterápica ou medicação e estes itens, quando expostos a atletas com baixo nível econômico, pode ser um fator preponderante a desistência da prática esportiva (MELO; FUMES, 2013; PACHARONI; URSO; MASSA, 2014), o que na bocha aparece não acontecer. Apesar dos custos da modalidade com *kit* de bolas, implementos e outros quesitos, mesmo assim, ainda há atletas com classe econômica baixa inserido no esporte.

Os atletas do Circuito Catarinense de Bocha Paralímpica relataram que não participam ou participavam das aulas de Educação Física na escola, totalizando 59,1%. Este dado vai ao encontro com estudo de Ramos e Shirley (2011) que, ao questionarem atletas de atletismo paralímpico sobre a participação deles nas aulas de Educação Física na escola, a maioria afirmou que não eram incluídos nas práticas durante sua permanência na escola.

Acredita-se que a falta de acessibilidade estrutural, social e arquitetônica, bem como o pouco preparo de professores para incluir alunos com deficiência dificulta a realização de aulas realmente inclusivas (OLIVEIRA *et al.*, 2016; RIBEIRO, 2016), além do fato dos atletas de bocha terem comprometimentos motores mais severos e na sua maioria de ordem congênita, muitos professores acabam não averiguando a origem da deficiência bem como não se aprofundando nas possibilidades da prática esportiva para esses sujeitos. Cabe salientar que a predominância de uma ideologia voltada ao corpo perfeito e a performance esportiva dos esportes coletivos, restringe a participação

de alunos com pouca habilidade e aqueles com deficiência, pois se acreditava que os deficientes eram incapazes de praticar atividades físicas (FIORINI; MANZINI, 2014).

Futuros professores precisam ampliar o repertório esportivo e de conteúdos nas aulas de Educação Física, oportunizando outras práticas e compreendendo a individualidade de cada aluno assim como suas potencialidades, pois, no momento em que pessoas com deficiência frequentam o ambiente escolar, elas podem vislumbrar outras participações sociais. Os docentes necessitam saber como oportunizar e ensinar todo tipo de estudante, seja com deficiência ou não, habilidosos ou não, e evitar esconder-se com desculpas ou argumentos falhos para a não promoção de aulas realmente inclusivas e de acessível a todos os presentes (FIORINI; MANZINI, 2014; RIBEIRO, 2016).

As práticas inclusivas vão além de apresentar modalidades esportivas adaptadas, num caminho de mão única, mas elas servem, sobretudo, de modo a incentivar a prática e a permanência na realização de treinos, ressaltando as potencialidades de todos os alunos, inclusive aqueles com deficiência. Segundo Borges (2002), a Educação Física é “[...] um espaço educativo e privilegiado para promover as relações interpessoais, a autoestima e a autoconfiança, valorizando-se aquilo que cada pessoa é capaz de fazer em função de suas possibilidades e limitações pessoais” (p.57), cabendo aos profissionais envolvidos neste processo realizar essa anamnese, observar os fatores preponderantes e otimizar o sucesso de cada indivíduo.

5 Conclusão

A maioria dos atletas era do sexo masculino, de baixo nível socioeconômico e que não participaram das aulas de Educação Física em ambiente escolar. Compreendendo todos esses fatores, não há dúvidas que cada ponto que constituem um atleta é fundamental para a apropriação de características pessoais que interferem na parte esportiva. Assim, quanto mais fontes de conhecimento têm-se sobre o atleta, maior chance de ter êxito nas competições, sendo preparado de forma a unir questões pessoais e esportivas a ponto de alavancar o atleta, principalmente quando falamos daqueles com comprometimento motor severo onde cada evidência pode ser uma peça a mais para o sucesso esportivo.

Referências

ARROXELLAS, R. D. de *et al.* Bocha adaptada: análise cinemática do arremesso e sua relação com a realidade virtual. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 39, n. 2, p.160-167, 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS E PESQUISAS (ABEP). Critério de classificação econômica Brasil. Associação Nacional de Empresas de Pesquisa São Paulo, 2015.

- BARÇANTE, M. Educação física adaptada: uma prática terapêutica. *Journal of Research in Special Educational Needs*, v. 16, p. 412-416, 2016.
- CÂMARA, F. dos S. *et al.* Perfil do cuidador de pessoas com deficiência. *Revista brasileira de ciências e saúde*, v. 20, n. 4, p. 269-276, 2016.
- CAMPEÃO, M. DA S. Atividade física para pessoas com paralisia cerebral. In: DUARTE, E.; LIMA, S. M. T. (Eds.). *Atividade física: para pessoas com necessidades especiais: experiências e intervenções pedagógicas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- DE CASTRO, E. M. *Atividade física adaptada*. São Paulo: Novo Conceito, 2005.
- FIORINI, M. L. S.; MANZINI, E. J. Inclusão de alunos com deficiência na aula de educação física: identificando dificuldades, ações e conteúdo para prover a formação do professor. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 20, n. 3, p. 387-404, 2014.
- MELO, F. A. P. de; FUMES, N. DE L. F. O Esporte adaptado no Município de Maceió/AL: des/caminhos traçados pelas políticas públicas. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, v. 14, n. 2, 2013.
- GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*, v. 8, n. 1, 15 nov. 2006.
- GORLA, J. I.; NOGUEIRA, C. D. Esporte adaptado e formação de recursos humanos: experiências construídas na área. *Conexões*, v. 14, n. 2, p. 158, 2 ago. 2016.
- JORNAL DO BRASIL. *Paralimpíada 2016 - Brasil supera marcos históricos nos Jogos Paralímpicos Rio 2016*. Disponível em: <http://www.jb.com.br/paralimpiada-2016/noticias/2016/09/18/brasil-supera-marcos-historicos-nos-jogos-paralimpicos-rio-2016/>. Acesso em: 15 abr. 2017.
- MARQUES, R. F. R. *et al.* A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: perspectivas de atletas brasileiros. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, v. 20, n. 3, p. 989-1015, 2014.
- MELLO, M. T. DE; WINCKLER, C. *Esporte Paralímpico*. São Paulo: Atheneu, 2012.
- OLIVEIRA, Ane Francisca *et al.* Análise da acessibilidade da escola estadual Rio Branco na cidade de Patos-PB. In: CONGRESSO NACIONAL DE ERGONOMIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 6., Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2016. *Anais...*, Recife, 2016.
- PACHARONI, R.; URSO, R. P.; MASSA, M. Condições limitantes sociais: o aporte financeiro e sua interferência no sucesso de tenistas brasileiros. *Educação Física em Revista*, v. 8, n. 1, p. 17-22, 2014.
- PADILHA, B. W. *et al.* Qualidade de vida e sobrecarga de cuidadores de deficientes físicos. *Revista Brasileira de Qualidade de Vida*, v. 9, n. 1, p. 3-16, 2017.
- PARREIRAS, L. A. *Análise dos fatores que influenciam a qualidade de vida de atletas paraolímpicos em ambientes de treino e competição*. 2008. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Belo Horizonte, 2008.
- RAMOS, S. Benefícios promovidos pelo atletismo para os atletas da Associação JUDECRI de Criciúma. Criciúma: [s.n.], 2013. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/1576>.
- RAMOS e SHIRLEY (2011)
- RIBEIRO, S. L. A interface acessibilidade e educação inclusiva. *InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS*, v. 14, n. 27, p. 112-121, 2016.
- RIVERA, I. R. *et al.* Atividade física, horas de assistência à TV e composição corporal em crianças e adolescentes. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, v. 95, n. 2, p. 159-165, 2010.

SERAPIONI, M. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 5, n. 1, p. 187-192, 2000.

SOUZA, D. L.; MORAES, M.; MOREIRA, T. S. O perfil da produção científica online em português relacionada às modalidades olímpicas e paralímpicas. *Movimento*, v. 22, n. 4, p. 1105-1120, 2016.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. *Métodos de pesquisa em atividade física*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

WINNICK, J. P.; SHORT, F.; LIEBERMAN, L. *Educação física e esportes adaptados*. São Paulo: Manole, 2004.

Nota sobre os autores:

Gabriel Renaldo de Sousa

2º Tenente do Colégio Militar de Curitiba – Seção de Educação Física, Pertencente ao Grupo de Estudo e Pesquisa de Atividade Motora Adaptada / UNB. gabrielrdesousa@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3609-1621>

Marília Garcia Pinto

Professora Prefeitura Municipal de Biguaçu, Professora Universidade do Estado de Santa Catarina.

mari_garciapinto@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6583-4263>

Recebido em: 19/05/2020

Reformulado em: 02/06/2020

Aceito em: 02/06/2020